

A questão do co(n)texto numa perspectiva de gênero*

Rosalice Pinto – CLUNL/ FCT**

Abstract: This article intends to define the meaning of the context in the perspective of *Linguistics of Genres*, considering that the choice of certain verbal and/ or non verbal forms presented in a text is imposed by aspects concerning the *textual genre*. Our concern is to show mainly that the argumentative strategies chosen by the producer of the text in order to sustain his thesis are imposed by the *textual genre* where the text is always integrated. In order to prove our hypothesis we analyze a sample of a party political billboard that circulated in Portugal during the elections for the Prime Minister, in 2002.

1. Introdução

Este trabalho apresenta dois objetivos. Em primeiro lugar, visa a repensar a noção de *contexto*, seguindo a abordagem teórica de uma Teoria do Texto perspectivada numa *Linguística dos Gêneros*¹. Ainda, objetiva mostrar, a partir da descrição de algumas estratégias argumentativas utilizadas num cartaz partidário, de que forma unidades verbais e não-verbais podem vir a ser coibidas por aspectos contextuais. De forma a atingir esses objetivos, este trabalho está dividido em duas partes.

Num primeiro momento, mostrar-se-á como a noção de *contexto* é definida em algumas perspectivas discursivo-textuais, nomeadamente, na Linguística Textual a partir de Adam (1999, 2008); na Análise do Discurso, com os

contributos de Maingueneau (2004). Este breve percurso será importante para que se possa, ao final desta etapa, definir o sentido do termo *contexto* na abordagem teórica em que nos inserimos.

Num segundo momento, seguindo uma metodologia descendente de análise como preconiza o quadro teórico do *Interacionismo Sociodiscursivo*² mostrar-se-á, a partir de um exemplo, de que forma os fatores contextuais podem coibir certos recursos estilísticos e organizacionais observáveis na materialização lingüístico-textual.

¹ Termo adotado pela por Rastier (2001: 231) e retomado por Bouquet (2004: 3-14) no texto de introdução da revista *Langages* 153. No contexto português, ressalta-se o trabalho de Coutinho (2005: 73-88), considerando essa perspectiva.

² Esse quadro epistemológico inspira-se nos trabalhos de Voloschinov-Bakhtin, Vygotsky, Ricoeur, Habermas e não será aqui descrito. O que importa ressaltar é que é um projeto que destaca o papel central da linguagem em aspectos do desenvolvimento humano, propondo-se a ir além da linguística. Na verdade, é “uma ciência integrada do humano, centrada na dinâmica formadora das práticas da linguagem” – cf. Bronckart (2007: 20). Para detalhes sobre esse quadro, ver ainda Bronckart (2006: 9-23).

2. A noção de contexto em algumas perspectivas teóricas

A importância do contexto nas perspectivas discursivo-textuais é evidente, como já se sabe. Tanto teóricos da Análise do Discurso quanto os da Linguística Textual pontuaram a sua relevância. No primeiro caso, por exemplo, vários trabalhos de Maingueneau realçam a a relevância da *ancoragem social* e das *condições situacionais de produção dos textos*, ou seja, os *aspectos contextuais*. Para este autor, devem ser estudados os *contornos do texto*, ou melhor, o seu *contexto* para se possa estudar melhor o próprio texto como afirma Maingueneau:

"Au lieu de mettre les oeuvres en relation avec des instances fort éloignées de la littérature (classes sociales, mentalités, événements historiques (...), réfléchir au terme de discours nous oblige à porter notre attention sur les abords immédiats du texte (*ses rites d'écriture, ses supports matériels, sa scène d'énonciation*).

Un tel remodelage de la notion de contexte implique aussi (...)." (Maingueneau 2004: 35)

No segundo caso, centrando-se prioritariamente sobre o estudo dos textos, com suas *regularidades composicionais* e *aspectos enunciativos*, Adam (1999, 2008) não deixa de enfatizar a relevância da formação sociodiscursiva como lugar social de produção dos textos, contudo não prioriza este aspecto. Pois, como afirma o autor:

"A linguística textual tem como papel, na análise do discurso, teorizar e descrever encadeamentos de enunciados

elementares no âmbito da unidade de grande complexidade que constitui um texto."

(Adam 2008: 63)

Com isso, as perspectivas teóricas apontadas não deixam de enfatizar a importância de *aspectos de ordem contextual*, focalizados, evidentemente, de acordo com a linha teórica, de forma diferenciada. No entanto, é notório observar que essas questões *ainda* são estudadas, preferencialmente, fora do domínio da materialização textual. Ou seja, de certa forma, com algumas especificidades, é retomada a seguinte fórmula frequentemente citada e retomada por Adam: "discurso = texto + condições de produção"– Adam (2001: 40).

Como este trabalho perspectiva-se, essencialmente, numa *Linguística de gêneros*, a acepção de *texto* e *contexto*, como veremos, apresenta outra dimensão. Primeiramente, assume-se que o objeto que analisamos é o *texto empírico*, podendo vir a ser constituído tanto de unidades linguísticas como de unidades não-verbais. Este *texto empírico* é uma *unidade comunicativa global* (Bronckart, 2004: 115) e está, obrigatoriamente, inserido em determinado *gênero textual*. Em segundo lugar, consideramos que os *textos*, por circularem socialmente, são forçosamente coibidos pela *atividade de linguagem* em que se inserem e, conseqüentemente, certos *aspectos contextuais* são *inerentes* à própria materialização linguístico-textual. E, ainda que, para a análise do funcionamento de unidades linguísticas em textos empíricos, devem ser levadas em conta não apenas questões de ordem

gramatical, com certo grau de estabilização, mas também questões relativas às *atividades de linguagem*, uma vez que estas coíbem os gêneros textuais nos quais todos os textos empíricos estão forçosamente inseridos. Dessa forma, ratifica-se a complexidade do objeto de estudo com o qual se lida, o *texto empírico*, visto que os diversos *elementos semiolinguísticos* que o integram sejam eles *estilísticos*, *enunciativos* ou *organizacionais* estão em constante interação entre si e com questões genéricas que lhes são inerentes. Como afirma Coutinho:

"Uma linguística dos géneros do texto constitui-se assim, também como uma área paradoxal: centrada sobre objectos irreduzíveis à dimensão linguística, caber-lhe-á a tarefa de descrever essa mesma dimensão linguística. O que fica em causa não é, porém, *uma mera face linguística dos textos, obtida por apagamento ou abstracção de factores contextuais*."

(Coutinho 2005: 86) – destaque meu

Na verdade, sublinhe-se que como nos concentramos neste trabalho na observação da influência de aspectos contextuais na materialização de algumas estratégias argumentativas no universo textual de um *outdoor* partidário, destacaremos apenas os elementos contextuais e linguístico-textuais que evidenciam essas relações. Contudo, vale ressaltar que, para os primeiros, basear-nos-emos em aspectos levantados por Maingueneau (1996, 2004) e Adam (2001). Em relação aos relativos a aspectos semiolinguísticos, centrar-nos-emos na grade desenvolvida

por Pinto (2006a) para análise dos gêneros textuais persuasivos.

3. Apresentação de um exemplo

O gênero *outdoor* político sobre coerções impostas por *componentes contextuais* (lugar de circulação; suporte material; finalidade) e por *componentes metatextuais* (aspectos que regem as regras para a formatação dos textos: códigos, livros de estilo) que influenciarão a materialização linguístico-textual, como veremos.

No que tange ao *lugar de circulação*, podemos afirmar que ele é regulado pela Lei Eleitoral da Assembléia da República (art. 53 e 66) que dita regras específicas para a fixação e circulação dos cartazes. Também é regido pelo Código da Publicidade (art. 7 da Lei 97/88) que delimita regras específicas com este intuito. Com essas restrições, esses cartazes, para atingirem o objetivo a que se propõem: fazer um eleitor votar num partido, deverão ser afixados em lugares que possibilitem ao indivíduo a leitura rápida desses textos. Consequentemente, será em rotundas, estradas menores com maior controle de velocidade que esses cartazes serão colocados.

Ainda, o próprio uso do *outdoor* enquanto *suporte material* impõe coerções ao nível da materialização textual. Sendo o *outdoor* partidário uma propaganda ao ar livre ele segue certa tradição veiculada aos gêneros textuais que circulam dessa forma na sociedade. Por exemplo, o *outdoor* partidário apresenta características visíveis do *outdoor* publicitário: o apelo ao grafismo e às cores, enunciados de impacto, utilização de imagens.

Quanto à *finalidade*, sublinhe-se que este gênero visa sobretudo a convencer o público de que determinado partido político apresenta as melhores propostas e tem o candidato mais adequado para fazer cumprir as exigências que a sociedade solicita. E será para atender esse objetivo específico que as várias *instâncias de produção* (responsáveis pelo marketing político, o próprio candidato, os representantes do partido) em consonância com o público em geral produzirão *textos multimodais*.

Assim, com relação à *materialização linguístico-textual*, esses textos apresentarão elementos verbais e não-verbais (fotos, símbolos, cores, tipografia diferenciada) que facilitam a rápida apreensão do conteúdo dos textos e atendem ao objetivo a que se propõe este gênero.

No caso específico do cartaz em anexo (anexo 1), observa-se a presença da *unidade verbal*³ “Coragem.” que apresenta um *valor epistêmico* a ela associado⁴. Este diz respeito ao *grau de certeza do enunciador relativamente a determinado enunciado*. Considerando que esta unidade textual introduz um

exemplar desse gênero textual, pode-se pensar que, inferencialmente, o advérbio “evidentemente” poderia ser aquele que melhor traduziria essa asserção. Teríamos assim:

(1) *Evidentemente, o candidato apresentado é corajoso.*

Na verdade, o *valor modal epistêmico* apontado está associado, neste universo textual, a um candidato particular que traduz as representações que temos das características de um candidato que pode vir a ser o candidato “ideal” para ser o primeiro ministro no país: [alguém que transmita coragem]. Existe na verdade uma espécie de *percurso interpretativo* efetuado pelo leitor que associa a unidade verbal “Coragem.”, ao elemento não-verbal marcada pela foto do candidato. Como Rastier afirma:

"Le sens n'étant pas immanent au texte, mais à ses pratiques d'interprétation, il doit être rapporté à elles. (...)

Toute interprétation consiste en un parcours : ainsi, pour passer d'un mot interprété à son voisin qui ne l'est pas encore, il faut propager par présomption des traits déjà actualisés, et/ou faire détour par des interprétants relevant de la doxa (dont les topoï, qui sont des axiomes normatifs) ou d'autres textes connus dans le corpus. Un texte paraît aisément lisible et clair quand les trois types d'interprétants issus de passages antérieurs du texte, de topoï, et de passages de l'intertexte, deviennent tout à fait accessibles et non contradictoires."

(Rastier 2001 : 118)

Vale ressaltar ainda que, neste exemplar de gênero, esta unidade textual funciona

³ Esta, para nós, diz respeito a qualquer unidade (implícita ou explícita - verbal ou não-verbal -) quer seja ao nível do léxico, do sintagma, do parágrafo ou de vários parágrafos que, no interior do universo textual, apresenta uma unidade de sentido. Essas unidades textuais podem ter graus de importância variáveis dentro da OT dos textos. Algumas podem vir a ser consideradas unidades macro-textuais (UMT), seguindo critérios específicos. Para mais detalhes, ver: Pinto (2006: 225).

⁴ Para este valor contribui também a *presença do ponto final*. Este sinal gráfico, como afirma Bessonat tem um *valor estilístico importante*, tendo uma função aglutinadora, leva a uma reação afetiva. Para mais detalhes, ver Bessonat (1991: 36). Em relação ao estudo dos valores modais em português europeu, ver: Campos & Xavier (1991).

como argumento para corroborar a tese defendida no cartaz: “Vote no Partido Socialista (PS)”. Existe, na verdade, um *topos*⁵ que funciona como uma espécie de *lei de passagem* que possibilita estabelecermos as relações inferenciais: [Quanto maior coragem, maior a possibilidade de ser um bom candidato]. Nós, enquanto leitores, somos capazes de estabelecer inferencialmente essas relações.

Ainda, a Unidade Textual “Coragem.” funciona como um argumento para outras unidades textuais presentes no texto. Assim, percorrendo o texto, várias unidades textuais poderiam ser inferidas:

(2) [*Se quiser alguém com coragem, vote em Ferro Rodrigues*]

(3) [*Se quiser alguém com coragem, vote no Partido Socialista*]

(4) [*Se quiser alguém com coragem vote no PS*] (Unidade textual inferida pelas iniciais do partido)

(5) [*Se quiser alguém com coragem vote no PS*] (Unidade textual inferida pelo símbolo do partido)

Como vimos, existe uma espécie de *potencial persuasivo* na unidade textual “Coragem.” que é percebida através das relações argumentativas estabelecidas com as unidades verbais e não-verbais

⁵ O *topos*, na argumentação na língua preconizada por Anscombe e Ducrot, corresponderia a uma espécie de 3º termo e seria representado por um esquema binário gradual do tipo <±P, ±Q> e corresponde a uma garantia – uma espécie de 3º termo – que possibilita um encadeamento argumentativo (passagem de um argumento a uma conclusão). Já na atual versão da argumentação na língua (teoria dos blocos semânticos), a noção de *topos* não é mais considerada. Para questões relativas à evolução desse quadro teórico, ver: Pinto (2006a: cap. II).

neste universo textual. Como Pinto afirma:

"Em gêneros em que a persuasão é mais relevante, como no caso do *outdoor* político, temos modalidades com *alto grau de potencial persuasivo*. Consequentemente, as modalidades inseridas nesse gênero terão um efeito persuasivo acentuado. Já em outros gêneros, as modalidades refletirão graus de *potencial persuasivo* menores, e consequentemente, terão menor *efeito persuasivo* "

(Pinto 2006b: 215)

4. Conclusão:

Pelo que expusemos, dentro do quadro teórico em que nos situamos – Teoria do Texto perspectivado numa Linguística dos Gêneros - questões contextuais estão intrinsecamente relacionadas a aspectos relativos à materialização linguístico-textual e não devem/não podem ser desconsideradas nas análises textuais. Contudo, como vimos, por questões de ordem didático-metodológica, para observar nitidamente esta correlação, tivemos de mostrar, na análise efetuada, as duas faces/vertentes do mesmo objeto: o *texto empírico*. Salientamos, assim, toda a sua complexidade ...

Bibliografia

- Adam, Jean Michel. (1999/2001⁴). *Linguistique Textuelle: des genres de discours aux textes*. Paris : Nathan.
- Adam, Jean Michel 2001. En finir avec les types de textes. In : Michel Ballabriga (dir.). *Analyse des Discours Types et genres : communications et*

- interprétations*. Toulouse : Editions Universitaires du Sud, 25-43.
- Adam, Jean Michel 2008. *A lingüística textual. Introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez editora.
- Bessonat, Daniel. 1991. “Enseigner la ... « punctuation » ? (!) », *Pratiques* 70.
- Bouquet, Simon. 2004. Linguistique générale et linguistique des genres. *Langages* 153, p. 3-14.
- Bronckart, Jean Paul. 2004. Commentaires conclusifs. Pour un développement collectif de l’interactionnisme socio-discursif. *Calidoscópio* 2 (2), p. 113-123.
- Bronckart, Jean Paul. 2006. Introdução. In: Machado, Anna Rachel & Matencio, Maria de Lourdes Meirelles (org.). *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Campinas: Mercado das Letras.
- Bronckart, Jean Paul. 2007. A atividade de linguagem frente à LÍNGUA: homenagem a Ferdinand de Saussure. In: Guimarães, Ana Maria de Matos; Machado, Anna Rachel & Campos, Maria Henriqueta C. & Xavier, Maria Francisca. *Sintaxe e Semântica do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Coutinho, Antónia (orgs). *O interacionismo sociodiscursivo. Questões epistemológicas e metodológicas*. Campinas: Mercado das Letras.
- Coutinho, Antónia 2005. Para uma linguística dos gêneros de texto. *Diacrítica* 19 (1), p. 73-88.
- Maingueneau, Dominique 1996. *Les termes clés de l’analyse de discours*. Paris : Editions du Seuil.
- Maingueneau, Dominique. 2002. Analysis of an academic genre. *Discourse Studies* 4 (3), p. 319-342.
- Maingueneau, Dominique, 2004. *Le discours littéraire. Paratopie et scène d’énonciation*. Paris : Armand Colin.
- Rastier, François. 2001. *Arts et Sciences du Texte*. Paris : PUF.
- Pinto, Rosalice 2006a. Argumentação em gêneros persuasivos: um estudo contrastivo. Tese de Doutorado em Linguística – especialidade em Teoria do Texto. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- Pinto, Rosalice 2006b. As modalidades linguísticas: que previsibilidade? *Processos Discursivos de Modalização. Actas do III Encontro Internacional de Análise Linguística do Discurso*, p. 201-217.

Anexo 1

